A Sociedade Martins Sarmento
Rua de Paio Galvão
Guimarãis

ANO 5.º—N.º 216. Guimarãis, 22 de Março de 1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. NUMERO AVULSO 50 CTS.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA C. M. DE CENSURA

Editorial

AO RASGAR DOS TRATADOS

O que é o Pacto de Locarno — A Sociedade das Nações e as armas — Hitler e as possessões ultramarinas — Sejamos só portugueses nesta hora de dúvidas.

Nesta hora gravíssima que decorre é necessária a solidariedade de todos os portugueses. Há muitos compatriotas nossos espalhados pelo mundo. Que se lembrem da Mãi-Pátria.

Antevê-se a convulsão. Acodem-nos as recordações dos maus dias da Grande Guerra. Improvisámos um exército. Agora é preciso tê-lo pronto para a defêsa dos territórios coloniais e, ao mesmo tempo, é precisa a união de todos os que nasceram em Portugal para nas diversas eventualidades darem exemplo ao mundo.

A catástrofe que assolou a terra desde 1914 a 1918 parece ter deixado raizes profundas, como um cancro devorador e inclemente a dilacerar a dôce ideia da paz.

Não veremos mais em nossos dias a tranqüilidade que embalou a nossa infância. Anunciam-se auroras sangrentas, com seus poentes trágicos. Sejamos, acima de tôdas as razões morais, sociais e políticas, portugueses e só portugueses.

*

Os jornais enchem-se de telegramas àcêrca da atitude da Alemanha, cujas tropas invadiram a Renânia, e atiram aos leitores a notícia da violação do tratado de Locarno. A cidadezita do cantão de Tessin, na Suíça, viu reünidos em 1925 os plenipotenciários que deviam assinar aquele documento, finalmente firmado em 16 de Outubro daquele ano.

Não se conseguira, ao começo, perfeito acôrdo sôbre o denominado Protocolo de Genebra — o referente à assistência mútua das nações — em virtude da Inglaterra se recusar a assiná-lo.

Em 2 de Outubro de 1924 pensara-se em votar o Protocolo nas seguintes bases:

1.º Interdição, em princípio, de tôda a guerra de agressão;

2.º Organização de um sistema de arbitragem susceptível de resolver os conflitos cuja solução não pode ser pedida à guerra.

Chamberlain, ministro britânico, declarou, em 12 de Maio de 1925, preferir os acordos regionais e por isso se reüniram em Locarno os plenipotenciários que deviam assinar aqueles acordos, aos quais a Alemanha faltou, produzindo o mal-estar no mundo.

*

Reüniram-se, pois, os representantes da Alemanha, Bélgica, Inglaterra, França, Itália, Polónia e Checo-Eslováquia, que chancelaram um Acto final, dividido em dois grupos de acordos: primeiro, um tratado entre a Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra e Itália, que se intitulou *Pacto Renano*. Em segundo lugar, formou-se uma convenção de arbitragem germano-belga, germano-francesa, germano-polaca e germano-checa.

A Alemanha reconhecia que a fronteira do Reno seria fixada pelo Tratado de Versailles e garantia a inviolabilidade das fronteiras assim reconhecidas entre a Alemanha, França e Bélgica, ficando desmilitarizada a zona prevista nos artigos 42.º e 43.º do mesmo Tratado. A Itália e a Inglaterra eram, por assim dizer, fiadores do cumprimento do Pacto.

Alemanha, França e Bélgica concordaram que em caso algum recorreriam à guerra, não praticando qualquer ataque ou invasão. Ressalvava-se, porém, o caso de legítima defêsa, isto é, se qualquer das potências signatárias violasse o tratado ou quando a acção se desenvolvesse contra um estado agressor, em obediência aos artígos 15.º e 16.º do Pacto da Sociedade das Nações ou por decisão dêste decantado organismo.

Pelo artigo 4.º do acôrdo de Locarno, todos os conflitos devem ser submetidos a júri, havendo ainda uma comissão conciliatória. Em 16 de Setembro de 1926 entraram em vigor os acordos de Locarno.

A Alemanha violou-os em 7 de Março 1936.

*

Rasgado o Tratado de Versailles, esmagado os pactos, o mundo deve ter compreendido que as armas cada vez são mais poderosas, sendo as vozes dos pacifistas abafadas pelos ribombos, cada vez mais alarmantes, dos canhões.

E' depois da ocupação militar da zona da Renânia, garantida pelos acordos, que Hitler fala de paz definitiva.

Mas...

*

Esse «mas» tem um valor de uma grande incógnita. O chefe do govêrno germânico fala de colónias. Parece que sente já bastante forte o seu país para reclamar as que lhe couberam, em sorte, nos tempos felizes do seu militarismo, que parecia invencível.

Quais eram as colónias? O que se denominava «território do protectorado alemão»?

Eram Togo, Camarão, Africa Ocidental do Sul alemão, Africa Oriental Alemã, Nova Guiné, germânica, Arquipélago Bismarck e ilhas de Salomão, Carolinas, Marianas, Marshall, Samoa e Kiaotcheu. Pouco a pouco, foram estendendo o seu domínio pelo mundo e ao mesmo tempo garantindo-o com a sua armada, cujo desenvolvimento desagradava tanto à Inglaterra como as esquadras aéreas que a Itália hoje possue.

Os alemães, é justo dizer-se, mostraram-se excelentes colonizadores. Pretendiam, porém, mais territórios e antes da Grande Guerra, mesmo nas vésperas, o príncipe de Lichnowsky, embaixador da Alemanha em Londres, tentou realizar a partilha das nossas colónias.

*

Não fôra aquela a primeira tentativa. O ministro da Bélgica em Berlim, no ano de 1912, soubera do desejo teutónico de um acôrdo com a Inglaterra sôbre algumas colónias portuguesas.

Em 1898 houvera uma convenção secreta entre Balfour e o conde de Hatzfeld, então plenipotenciário da Alemanha em Londres, pelo qual se emprestaria dinheiro a Portugal cujo juro devia ser pago com o rendimento das possessões ultramarinas. A Alemanha cubiçava Timor. A Inglaterra compreendeu como e porque aquele país desejava instalar-se num território tão próximo da sua Austrália.

*

Sejamos, pois, ante os conflitos esboçados, portugueses e só portugueses, para que as gerações futuras não tenham de assacar aos homens de hoje os seus sofrimentos, dores e vergonhas.

Rocha Martins.

GAZETILHA

Amigo Reporter A.
Há uns tempos para cá
Não escreve no jornal,
Eu desejava saber
Porque deixou de escrever
A crítica semanal.

Foi por causa dos do bêrço
Assim como quem reza o terço
Lhe chamarem jornaleiro?
Ou puseram-lhe o açamo?
Pois eu desde já reclamo
Contra os do *bêrço do greiro.*

E faça-lhe, Repórter A.,
Esta pregunta p'ra já:

"Uns certos meninos tontos
Dizem ter setenta contos
P'ra Avenida da Guerra;
Digam lá seus cabouqueiros
Desde que há tantos dinheiros
Porque é que a obra emperra?!„

Mas, ó Repórter amigo,
Eu concordando consigo,
Já sei vir arrieirada,
Pois os ditos criançolas
Dizem grandes asneirolas
Sem nenhuma ser cortada.

E com a sua candura,
Sabeis... a vida é doçura
Mas a esperança é nossa,
E senão... estais a ver...
Agora é que vão 'screver,
Muita asneira... asneira grossa.

Espero Deus se enterneça
E dêles se compadeça
E os guie para o Bem:
Padre Nosso... Avé Maria...
Agua benta numa pia,
Livrai-nos do mal... Amen.

CLAROS.

EDREDONS

Acabam de chegar, para serem vendidos a prestações semanais com bónus.

Visite a Casa das Gravatas.

Pró-Monumento
aos Mortos da Grande Guerra

A' Ex.ma Comissão Executiva do Monumento aos Mortos da G. Guerra de Guimarãis.

Ex.mos Senhores:

Depois do que tem sido tornado público, quanto à escolha da legenda destinada ao Monumento, permitam-me V. Ex.as, que lhes apresente a minha opinião, não só como modesto colaborador dessa obra dignificadora dos vimaranenses, mas ainda como combatente e companheiro dos últimos mortos que tombaram valorosamente nos campos de batalha, testemunha fiel, que fui, dos actos porque, hoje, desejamos glorificá-los.

Esses Mortos, numa saüdade ferverosa, são conservados no meu coração com devoção sem igual, e, para que se lhes fizesse justiça, uma campanha heróica se tem debatido, chegando-se ao êxito almejado, não, sem o grande esfôrço, de um ilustre combatente e iniciador da campanha, o meu distinto camarada e amigo, Sr. Capitão Manuel José da Silva, colaborador do «Notícias», bem como dos brilhantes poetas Delfim de Guimarãis e Freitas Soares, que, com um elevado amor à sua Terra, serviram de estrelas nesta santíssima cruzada, e, de muitos outros distintos colaboradores.

Todos devemos concordar que, a legenda preconisada desde o início da campanha, é a mesma de todos os monumentos congéneres, já erigidos nas sedes dos concelhos: *Aos Mortos da Grande Guerra.* Poder-se-ia, na verdade, modificar essa legenda, substituíndo a palavra mortos pela de heróis, mas isso não iria prejudicar a memória de muitos que, desta forma, não seriam abrangidos? Todos nós compreendemos que os combatentes, muitas vezes, por falta de oportunidade, deixam de praticar feitos heróicos, quando outros, mais felizes, por lhes surgir ocasião propícia, provam exuberantemente o seu valor uma ou mais vezes, colhendo para a sua Fôlha de Serviços os mais honrosos louvores?

Pois bem, nem sempre aparece o herói entre os mortos, porque, o acto de heroísmo só foi praticado por alguns que, na mesma acção, não morreram. Todos cumpriram bem o seu dever, mas, só *alguns* se distinguiram de forma a realçar nitidamente o seu valor, a merecerem uma citação mais distinta para concessão de melhor recompensa.

Para exemplificar, vou citar um soldado que, em Armentières, me pediu instantemente para o deixar na cidade com a Secção de Quartéis, enquanto todos os outros marchavam para as trincheiras, a 9 quilómetros à frente. Acedi às instâncias, mas o pobre rapaz morreu à rectaguarda e outro tanto não sucedeu aos mais que me acompanharam às trincheiras, apesar de perseguidos por chuveiros de granadas e gazes asfixiantes, que sòmente produziram ligeiros ferimentos. Este soldado não pode ser considerado *herói*, mas deverá ser abrangido na designação geral dos *mortos*.

Outro homem, 1.º cabo, no combate de 12 de Março, à minha vista foi levantado de um montão de destroços, meio soterrado junto ao parapeito, gemendo com dôres, pois tinha ambos os pés cortados por uma granada. Este homem combateu e não abandonou o seu posto de combate; cumpriu bem o seu dever e honrou a Pátria. Se sobrevivesse, ficaria mutilado e cumpriria ao Estado sustentá-lo; se morresse, figuraria entre os mortos de combate. Como herói, porém, não pode figurar, visto que, nada mais fêz que cumprir o seu dever, sacrificando-se honrosamente pela Pátria.

E muitos mais exemplos se poderiam citar, de mortos, que não seriam abrangidos na designação de Heróis.

Além disso, devemos notar que, entre os sobreviventes, existem alguns autênticos Heróis e o Monumento apenas se destina, como é obvio, a consagrar a memória dos que morreram nos campos de batalha dos dois teatros de operações: «Africa e França».

Se o Monumento se destina aos Mortos, os vivos não devem figurar, não devem ser confundidos, e a legenda só deverá citar: *Mortos da Grande Guerra de Guimarãis.*

Na França e na Alemanha, as homenagens fúnebres e as consagrações póstumas, são sempre anunciadas «Aos Mortos da G. Guerra». Na Alemanha acompanhei ao cemitério um oficial português e foram-lhe prestadas as mesma honras como se o entêrro tivesse lugar em Portugal: as descargas regulamentares e uma alocução proferida por um oficial alemão, em nome do seu govêrno. Nada faltou em honra dêsse prisioneiro morto, como a respectiva marcha fúnebre, tocada por uma banda militar e a continência final ao terminar a cerimónia. Todas essas honras presenceei e foram prestadas a um combatente, que, não sendo conhecido como heroi, era uma vítima da Grande Guerra.

* * *

Por o valôr demonstrado no combate de 12 de Março de 1918, foi o Batalhão de I. n.º 20 — e 4.º batalhão da Brigada do Minho — condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª classe, honra conferida à sua Bandeira. E' natural que essa citação, tão honrosa como merecida, fique bem patente no Monumento, porque, durante êsse combate, correu o sangue generoso dos imolados em defesa da Pátria, dos filhos de Guimarãis.

Porque não se há-de consultar a alta competência da Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra que, doutamente, indicará a legenda mais expressiva e apropriada ao Monumento, acabando assim a desinteligência entre os Valores que a mesma causa congregou?...

Parece-me de elevado alcance consultar êste competentíssimo Tribunal, permita-se-me o termo, para resolver sem mais delongas a magna discordância na escôlha da legenda, delegando n'Ele a sentença decisiva:

«Pelos *Mortos da Grande Guerra*»

ou

«Pelos *Heróis da Grande Guerra*».

O comandante int.º do 20 no «9 de Abril»,

J. P. Montenegro Carneiro

(Capitão).

N. R. — Porque entendemos ser curiosa a opinião do ilustre e antigo Comandante do Batalhão Expedicionário de Infantaria N.º 20, e sabendo de antemão que a Direcção Executiva «Pró-Monumento» já está em comunicação, embora particular, com os Padrões da Grande Guerra, damos-lhe a devida publicidade por vir ao encontro daquele critério adoptado pela Comissão. Sôbre êste assunto, iremos dando publicidade a outros originais em nosso poder.

De tudo... um pouco

Entrada a Primavera há poucas horas, é cêdo ainda para diagnosticar sôbre a *figura* que nos vai representar durante os seus noventa dias de existência. A «cara» é um palmo de Esperança — a segunda irmã das três virtudes — que enche de Fé o espírito do mundo doente e inquieto, mas com a santa Caridade de esperar mais uma vida, acreditando, confiante, na eloqüência e ciência dos homens...

— Esperemos também nós: A Primavera foi sempre um raio de sol a iluminar a alma das mulhures que o inverno impiedoso trazia dolente, quais tristes Madalenas carpindo suas máguas por de-traz das vidraças. O seu Sol vai chegar — enchendo de alegria e de flores os campos e jardins de Portugal — o que já não é sem tempo, pois não, leitores?

ROCHA MARTINS

Honra-nos hoje, com a sua brilhante pena de eminente jornalista, vigoroso panfeletista e distinto escritor, o nosso particular amigo sr. Rocha Martins, autor consagrado de muitos e muitos trabalhos de alto valor histórico e literário.

Em lugar de honra, pois, vai inserta a sua prosa brilhante, chamando a atenção dos nossos prezados leitores para o Editorial do «Notícias de Guimarãis», assunto não só de interêsse como de actualidade, onde palpita tôda a sua alma de Português.

1.ª Semana Galaico-Minhota

Está despertando grande interêsse nos concelhos do nosso distrito a 1.ª Semana Galaico-Minhota, a realizar, em Braga, de 20 a 27 de Junho próximo, para cujo êxito se trabalha com verdadeiro afã.

A-par-de largas manifestações culturais, a indicar oportunamente, haverá uma grandiosa «Feira de Amostras» de produtos do Minho e da Galiza, para a qual a Comissão Executiva tem já muitos e valiosos elementos, que afincadamente trabalham no sentido de tornar êste número verdadeiramente gigantesco pelo seu prometido brilhantismo.

Atendendo ao que de vital daí resulta para a propaganda de Portugal em geral e do nosso Minho em particular, e atendendo ainda a que a representação do comércio e indústria minhotos devem ser de forma a não ficarem colocados em plano inferior à representação da Galiza que deve ser notável, não deve a nossa indústria faltar com a sua representação na «Feira de Amostras», engrandecendo-a tanto quanto possível, salientando-se as altas vantagens que dela podem advir, tanto de alcance moral e económico, como sobretudo para a bôa e reputada fama que usufrui a indústria de Guimarãis.

EPIGRAMA

(A' GUITARRA)

O prazer que tem qualquer casado
Não se logra vêr adonde quer:
Sempre a mesma cara do marido,
Sempre a mesma cara da mulher.

NULLUS.

Dr. José Pinto Rodrigues

Dentro de breves dias, deve retomar os seus trabalhos de advogado, nesta comarca, o nosso querido e bom amigo, sr. dr. José Pinto Rodrigues, a quem está reservado um largo futuro, tanto pelas suas belas qualidades de saber e inteligência, como pelo seu nome que há muito o impuseram como um advogado distinto no fôro vimaranense.

Ao nosso prezado amigo, que só conta amizades na nossa Redacção, desejamos-lhe as melhores prosperidades, fazendo votos pelos seus triúnfos.

Okay--Okay--Okay...

E' uma linda camisa
Tabú, e só custa 22$50
A' venda na
Casa das Gravatas

Ainda o Aniversário do "Notícias,,

Centro Literário Excelsior

Recebemos, da outra banda do Atlântico, um cativante ofício que muito nos desvanece pelas penhorantes e amigas palavras que a importante e florescente agremiação, que é o Centro Literário Excelsior, de S. Paulo, dirigiu ao nosso Director, associando-se ao recente aniversário do nosso jornal.

Arquivando nestas colunas tão alto documento de expres-

Do verbo haver...

Há chegado o momento dos vimaranenses pôrem à prova o seu bairrismo e tôda a sua apregoada vontade de saldar a sua dívida para com os Heróis da Grande Guerra. Vai saír para a rua a Comissão encarregada de angariar o capital necessário para a construção do Monumento. De esperar é que todos — ricos, remediados e pobres — bem a saibam receber, ajudando, com o seu óbulo, a realização do patriótico e bairrístico empreendimento.

Que ninguém, absolutamente ninguém, se furte ao seu imperioso dever.

— Há pessoas que podiam ser úteis à sua terra e ao seu semelhante, e não o são por comodismo e avareza...

— Há outras que, sistemàticamente, desdenham de tudo que não seja dimanado de seus *prodigiosos* cérebros...

— Há quem, ao pretender justificar certo *crime*, o embrulhe de tal maneira que, no fim de contas, a gente fica a não perceber *patavina*...

— Há em Guimarãis valores positivos que, se o quisessem, inestimáveis serviços podiam prestar a êste desventurado rincão...

— Há criaturas que só estão bem quando conseguem levar a discórdia ao seio das outras.

— Há quem julgue que a divisão dos vimaranenses é *indispensável* ao progresso desta terra...

— Há pessoas que parecem ter o direito de insultar quem lhes dê na gana, pois, porisso, não recebem *punição*...

— Há sacadas e janelas de alguns prédios que se encontram em quási permanente embandeiramento...

— Há quem afirme que as pombas, que vivem no nosso extinto quartel, têm passado suas necessidades em virtude de lhes não darem de comer...

— Há inteligências medíocres com mais préstimo e valimento, pela fôrça de vontade que as dinamiza, do que algumas altas capacidades acomodadas no seu revoltante *não-te-rales*...

— Há necessidade de que a polícia reprima o ímpeto mendicante de certos *desempregados* refilões que a cada passo infestam a cidade.

— Há homens tão perversos que para bem da humanidade não deviam existir...

Belgatour.

são e de simpatia pelo «Notícias de Guimarãis», desejamos prestar pùblicamente o nosso reconhecimento retribuíndo os votos sinceros pelas prosperidades de tão grande e benemérita agremiação de cultura portuguesa, agradecendo-lhes a sua espontânea manifestação de solidariedade espiritual.

Segue o ofício:

22 de Fevereiro de 1936.

... Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, dig.mo Director do «Notícias de Guimarãis. — Guimarãis — Portugal.

Caro Amigo e Sr.

Tomamos a liberdade de, pela presente, lhe transmitir os nossos cordeais cumprimentos, pela data natalícia do querido «Notícias de Guimarãis», êste ano comemorada com o magnífico e, porque não dizê-lo? brilhante número, com que o denodado defensor dos interêsses da região, acaba de brindar os seus leitores.

Em menos de mês publicou o «Notícias de Guimarãis» três óptimos números, nos quais é posta em evidência a capacidade realizadora de V..., e do numeroso e luzido corpo de colaboradores, respectivo.

Por isso lhe enviamos, desta longínqua paragem americana, sinceros parabéns, ao mesmo tempo que formulamos votos pela crescente prosperidade do excelente periódico, subscrevendo-nos, com muita estima,

De V. ... etc.

Centro Literário Excelsior

Américo José Rodrigues.
Presidente.

Pró - Monumento

Apresentando o seu trabalho, a Comissão de Estudo nomeada em reünião da Direcção Executiva, realizada na semana finda, viu aprovado definitivamente o estudo feito, pelo que se lhe dá a devida publicidade, louvando a solicitude que pôs na organização das Comissões e meticulosidade apresentada na divisão das zonas citadinas.

ZONA A e Grupos Recreativos — João Ferreira Rodrigues, José Gualberto de Freitas e António Fernandes.

ZONA B — Dr. João Neto, João da Silva Guimarãis e Aníbal Dias Pereira.

ZONA C — Dr. Adelino Jorge, João Pinto de Figueiredo e Sebastião Mendes.

ZONA D — João Teixeira de Aguiar, Dr. Joaquim de Oliveira Torres e Joaquim Laranjeiro dos Reis.

ZONA E — Silvino Alves de Sousa, António Laranjeiro dos Reis e Luís Alijó de Lima.

ZONA F — Luís Filipe Coelho, Antonino Dias Pinto de Castro e Joaquim de Sousa Neves.

INDUSTRIA — Dr. Adelino Ribeiro Jorge, António Costa, António Lima e António Faria Martins.

ACADEMIA — Helder Rocha, Fernando Meira, Eduardo de Oliveira e D. Maria Helena Martins.

ESCOLA I. C. FRANCISCO DE HOLANDA — José Ferreira Martins, D. Georgina Ferra e D. Amélia Coutinho.

MOTORISTAS — Francisco da Cunha Mourão, Domingos Pina e Manuel Teixeira.

ZONA A — Rua de Val-de-Donas, Rua de Espírito Santo, Largo do Serralho, Rua da República (desde os n.os 50 a 51), Travessa de S. Crispim, Largo da Oliveira, Largo do 13 de Fevereiro, Rua de Elias Garcia, Largo do Cónego José Maria Gomes, Rua do Condestável Nuno Alvares, Travessa da Rua Elias Garcia, Rua de Serpa Pinto, Rua de 31 de Janeiro, Lugar de Roma, Casa da Seara, Rua n.º 2, Rua n.º 4, Rua n.º 5, Rua n.º 6, Rua n.º 7, Rua n.º 8, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, Rua das Hortas, Rua do Dr. José Sampaio, Largo do Dr. Alberto Sampaio, Largo do 1.º de Maio e Azurém.

ZONA B — Rua do Gravador Molarinho, Largo do Dr. João da Mota Prego, Rua do Dr. Avelino Germano (desde os n.os 60 a 98 e 71 a 101), Rua do Retiro, Rua do Eirado, Rua de Egas Moniz, Rua de Donãis, Rua do João de Melo, Travessa do Montepio, Rua de Alcobaça (desde os n.os 28 a 46 e 43 a 63), Rua de S. Dâmaso, Largo de S. Francisco, Rua dos Terceiros, Travessa da Rua de S. Dâmaso, Largo da República do Brasil, Rua da Ramada, Palacête de Vila Pouca, Rua das Capuchinhas, Avenida de Miguel Bombarda, Quinta do Campo, Quinta do Centro, Estação do Caminho de Ferro, Rua de Vila Verde, Ilha de Vila Verde, Quinta do Anaio, Largo do Cidade e Rua de S. Francisco.

ZONA C — Largo de S. Paio, Rua do Dr. Avelino Germano (desde os n.os 2 a 58 e 1 a 69), Rua de Alcobaça (desde os n.os 2 a 20 e 1 a 39) Travessa do Anjo, Largo 28 de Maio, Largo do Trovador, Rua dos Couros, Ilha do Sabão, Rua de Vila Flôr, Avenida de Cândido dos Reis, Travessa de Camões, Rua de Camões, Rua do Dr. Bento Cardoso, Terreiro das Hortas, Rua da Liberdade (até ao n.º 76), Travessa do Arquinho, Lugar dos Cãis de Pedra, Urgezes, Travessa de Trindade Coelho e Rua de Trindade Coelho.

ZONA D — Rua de Santo António (desde os n.os 1 a 104), Rua 5 de Outubro, Largo de Martins Sarmento, Travessa do Campo Santo, Travessa de Infesta, Largo dos Duques de Bragança, Rua de Santa Margarida, Campo do Salvador, Largo do Verdelho, Avenida da Cadeia Nova, Rua da Arcela, Monte de Trás, Travessa da Mãi de Agua, Cruz d'Argola, Bairro Esperança, Travessa da Rua de S. Torcato, Rua de S. Torcato, Travessa do Ribeirinho, Lugar do Sardoal, Lugar do Canto, Travessa do Beringel, Rua do Padre António Caldas e Rua do Sabugal.

ZONA E — Praça de D. Afonso Henriques (Norte), Praça de D. Afonso Henriques (Nascente), Praça de D. Afonso Henriques (Sul), Rua de Paio Galvão, Praça do Mercado, Avenida Nova, Solar do Propôsto, Prolongamento da Rua de Paio Galvão, Rua de Gil Vicente, Travessa dos Bimbais, Rua de Francisco Agra, Travessa da Quintã, Ponte de Santa Luzia, Caneiros, Lugar de Vargas, Casas Novas, Travessa de Santa Luzia, Rua do Picôto, Rua do Capitão Alfredo Guimarãis, Rua do Dr. Joaquim de Meira, Rua do Conde D. Henrique e Rua de Santo António (desde os n.os 106 a 180).

ZONA F — Largo da Misericórdia, Rua da República (desde os n.os 1 a 48), Praça de D. Afonso Henriques (desde os n.os 117 a 129, Poente), Rua de D. João I, Lugar do Gaiteiro, Creixomil, Lugar dos Pombais, Ilha do Vinagreiro, Rua de Trás-de-Gaia, Lugar do Bêco, Lugar do Montinho, Lugar da Eira, Ilha do Lavrador, Rua das Lameiras, Rua do Costeado, Casa do Costeado, Casas Terreiras e Rua da Liberdade (desde a ponte da Madrôa para cima).

Secção Científica

Reflexão sôbre Potências

(cont. do n.º anterior)

Tendo efectuado os produtos da série de quadrados de n.os 1 a 10, que serão reproduzidos, e tendo teimado, como idealista, em descobrir neles uma ordem ideal, que sucede? Sem rumo ainda, resolvo obter as suas diferenças, escrevendo-as à frente em posição intermédia.

Mas onde a ordem, que não diviso? Insisto, colocando à frente das diferenças as diferenças entre elas.

E eis que surge a harmonia pela igualização destas; eis que surge a hierarquia pelo aumento progressivo daquelas; eis que surge a ordem! Ganharam os idealistas.

O resultado é êste quadro:

Quadr. ou 2.ª Pot.	Prod.	1.ª Dif.ª	2.ª Dif.ª
1^2	= 1		
		3	
2^2	= 4		2
		5	
3^2	= 9		2
		7	
4^2	= 16		2
		9	
5^2	= 25		2
		11	
6^2	= 36		2
		13	
7^2	= 49		2
		15	
8^2	= 64		2
		17	
9^2	= 81		2
		19	
10^2	= 100		

Encorajado por êle, tento outro para números mixtos de $\frac{1}{2}$ unidade e obtenho a confirmação do primeiro:

1,5	= 2,25		
		4	
2,5	= 6,25		2
		6	
3,5	= 12,25		2
		8	
4,5	= 20,25		2
		10	
5,5	= 30,25		....
		....	
....	....		

A' face dos quadros para números inteiros e mixtos de $\frac{1}{2}$, deduso:

1.º: A razão final (2.as dif.s) entre quadrados de números seguidos, inteiros ou acrescidos de meia unidade, é constante, una e igual a 2;

2.º: A razão penúltima (1.as dif.s) é para os números inteiros a série dos números ímpares, e para os fraccionários a série dos números pares, uma e outra a partir do seu respectivo valor básico (3,4), sendo qualquer 1.ª diferença igual à anterior + 2; ex.: 1.ª diferença 15 = 13 ant. + 2;

3.º: Todo o produto do quadrado dos números fraccionários finda em decimais = 0,25;

4.º: Para definir a razão final são precisos 3 quadrados seguidos, isto é, os indicados no expoente potencial + 1, pois a dif.ª 2 sòmente se revela entre 5 e 7 e estas dif.s entre 1, 4 e 9, formando-se de 1 e 9 para 2 como que um ângulo agudo, de vértice em 2 simétrico às bases;

5.º: Conhecida uma diferença entre 2 produtos prevê-se o imediato, pela soma dela + 2 com o último produto, e prevê-se o anterior pela subtracção da mesma dif.ª — 2 do 1.º dos produtos; ex.:

$11^2 = 100 + 19 + 2 = 121$; $9^2 = 100 - (21 \cdot 2) = 81$;

6.º: Para determinar o quadrado imediato basta ler, somando, o quadro em diagonal a partir do último produto e para o prolongar basta escrever a 2.ª diferença e ir fazendo somas em sentido inverso, diagonal, da direita para a esquerda; ex. de determ.: $6{,}5^2 = 30{,}25 + 10 + 2 = 42{,}25$; ex. de prolong. pelos ponteados: na 2.ª diferença, 2; na 1.ª, $10 + 2 = 12$; no prod. $30{,}25 + 12 = 42{,}25$ e na 2.ª pot. a indicação $6{,}5^2$;

7.º: E' possível por êste meio elaborar uma táboa, semelhante à de logaritmos, substituíndo as multiplicações e divisões por somas e subtracções.

Chegado a êste ponto e apesar da ordem revelada, reajo como idealista: Se tenho a ordem formal, externa, extraída no sentido das diferenças ou alargamento do quadro para a direita, não a tenho interior, de profundidade, na coluna dos produtos, que sòmente conheço de um para o imediato.

Examino pois atentamente essa coluna de números inteiros e ao cabo ilumina-se-me o pensamento. Também aí existem indícios de ordem, definível a um longo prolongamento do quadro respectivo. Sintetizo os desta maneira:

1.º: Para a raíz 2 vão aparecendo os produtos das potências dela, alternantes pares, com posição distanciada progressiva, igual ao duplo da distância anterior + 1, contada pelo número de valores intermédios; ex. de pot. altern.: $2^2 = 4$; $2^4 = 16$; $2^6 = 64$; ex. de distanciam.: entre 4 e 16 apenas 1 valor (9); entre 16 e 64 já $1 \times 2 + 1 = 3$ (25, 36, 49);

2.º: Cada produto vai contendo na coluna o seu múltiplo quádruplo, bem como o seu quadrado ou 4.ª potência da respectiva raíz; ex. de múlt. quádr.: $1 \times 4 = 4$; $16 \times 4 = 64$; ex. de quadrado: $4^2 = 16 = 2^2$; $9^2 = 81 = 3^4$;

3.º: A diferença entre o quádruplo de 1 produto e o imediato a êsse quádruplo vai sendo igual ao duplo — 1 da diferença existente entre o produto multiplicado e o seu imediato; ex.: diferença entre 4 e 9 = 5 e entre 4×4 ou 16 e $25 = 5 \times 2 - 1 = 9$; dif.ª entre 9 e 16 = 7, e entre 9×4 ou 36 e $49 = 7 \times 2 - 1 = 13$;

4.º: Pela verificação constante do conteudo do n.º precedente é evitado trabalho na elaboração da táboa anteriormente referida; ex.: sendo entre 4 e 9 a dif.ª = 5, ao valor $4 \times 4 = 16$ sucede o valor $16 + (5 \times 2 - 1) = 25$.

— Tem razão o idealismo — digo comigo precepitadamente. Depois entrando em mim reflito que afinal o que colhi foram indícios. E eu pretendo certezas. Vou por isso multiplicando os produtos pela sua raiz, e que acontece? A claridade plena! E' esta:

1.º: Tôda a raiz inteira multiplicada por si mesma tem a *terminação* que tem a multiplicidade correspondente dos 10 primeiros algarismos inteiros, pois num deles finda; ex.: se 1^2 finda em 1, em 1 findará 121^2;

2.º: A terminação potencial dos 1.os 10 algarismos é constante ou cíclica, como se prova do seguinte quadro:

N.os:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
POT.s	$1^1=1$	$2^1=2$	$3^1=3$	$4^1=4$	$5^1=5$	$6^1=6$	$7^1=7$	$8^1=8$	$9^1=9$	$10^1=10$
	$1^2=1$	$2^2=4$	$3^2=9$	$4^2=16$	$5^2=25$	$6^2=36$	$7^2=49$	$8^2=64$	$9^2=81$	$10^2=100$
	....	$2^3=8$	$3^3=27$	$4^3=64$	....	....	$7^3=343$	$8^3=512$	$9^3=729$	....
	....	$2^4=16$	$3^4=81$	....	....	....	$7^4=2401$	$8^4=4096$	....	....
	....	$2^5=32$	$3^5=243$	....	....	....	$7^5=16807$	$8^5=32768$	....	....
	....	....	....	....	....	....	....	....	....	....

3.º: Perante o quadro, supondo o partido em 2 metades, de 1 a 5 e de 6 a 10, a relação é evidente:

a): Contendo as potências cíclicas exclusivamente 4 ou 2 variantes de terminação por período (4 as dos n.os 2, 3, 7, 8; e 2 as dos n.os 4 e 9), elas estão paralelas de uma para outra metade da série algaritmica: primeiro 2 espécies de potências de 4 variantes, e em seguida uma de 2 variantes;

b): Cada metade da série abre e fecha por uma espécie potencial de terminação constante;

c): As espécies potenciais que findam cada metade da série (terminação 5 e 0) são absolutamente autónomas, isto é, sem que qualquer outra alcance o seu modo de terminação, o que não sucede com as espécies que abrem cada metade (terminação 1 e 6);

d): Enquanto que as espécies potenciais extremantes de cada metade da série são entre si isoladas, as demais conjugam-se de metade para metade; sendo as terminações as mesmas, total ou parcialmente: totais as dos n.os 2 e 8 com a parcial 4 da 1.ª metade; totais ainda as dos n.os 7 e 3 com a parcial 9 da 2.ª metade;

e): Nas espécies potenciais cíclicas conjugáveis, há separação de terminações entre as dos n.os pares e ímpares, quais faces separadas do mesmo rosto;

f): Quer as dos n.os pares, quer as dos n.os ímpares ocasionam pontos comuns, quais gânglios de um organismo. Assim $8^2 = 64 = 2^6 = 4^3$; $3^4 = 81 = 9^2$;

4.º: Observada a série em conjunto sobressai então a simetria:

a) As espécies potenciais extremantes e centrais são as únicas de terminação constante com 3 cíclicas intermédias, paralelas, de cada lado das centrais;

b) A multiplicação terminal das espécies extremantes anula-as, pois $1 \times 0 = 0$, e a das centrais projecta-as para o ponto terminal da série, pois por ex. $25 \times 26 = 900$ e raiz quadrada $= 30 = 10 \times 3$.

Para que porém se revele a ordem observada que é preciso? A ordem fundamental da seriação numérica, que por sua vez deriva da unidade ($1+1=2$; $2+1=3$....). Venceu o idealismo:

Autonomia de cada forma potencial; isolamento de umas, conjunção de outras; gânglios das conjugáveis; separação de conjunções — pares e ímpares, e relacionação de tôdas pela disposição natural.

E isto mesmo se reconhece nos seres vivos em que a série representa o fio evolutivo dêles.

A autonomia e interdependência potencial melhor se traduzirá perante o desenvolvimento das potências cúbicas e imediatas, que serão motivo do próximo artigo.

A. A. Magalhãis e Silva.

Uma carta

Do nosso querido amigo, sr. António de Sousa Lima, recebemos uma carta que nos não é possível publicar no presente número em virtude de nos ter sido entregue já tarde, do que pedimos imensa desculpa. No próximo número, pois, dar-lhe-emos publicidade.

CONVITE

O Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis, tem a honra de convidar os Ex.mos Sócios Protectores a assistirem a uma conferência do Ex.mo Snr. A. L. de Carvalho, subordinada ao tema: «Os Bombeiros Vimaranenses na antiguidade», que se realiza no próximo Domingo, 22 do corrente, pelas 21 horas.

(68) *Os Comandantes.*

Crónica do Pôrto

O CRIME DE SINTRA

— O crime de Sintra! ¿Mas queres que te fale nêsse mistério que tem dado motivo a esgotarem-se inúmeros esforços e tem servido para os jornais encherem colunas e colunas de prosa — sem, ainda, se ter chegado a uma conclusão definitiva, insofismável?...

¿Queres que te fale em tôdas as pistas que apareceram e em tôdas as versões que os nossos agentes têm seguido — quando deves estar saturado da sua leitura pelos diários?...

¿Queres que te conte a história rocambolesca dum automóvel côr de vinho — dum automóvel à maneira de Edgar Walace — com nm cheiro nauseabundo empapado nos estofos, a despontar mais uma pista?...

¿Queres saber, novamente, a odisseia dumas cartas do já célebre assassinado, — queres que me ria do depoïmento do barbeiro da vítima, — queres que lamente a sorte do infeliz empregado bancário, ou que olhe com suspeitas para a sua irmã ou para a amiga que acabam de ser prêsas e estão incomunicáveis no Torel?

Parei, com um velho camarada, junto do último *placard* da tarde, anunciando a prisão das duas senhoras, — a irmã de Luís Ureña e uma sua amiga, — e, quási por curiosidade, preguntei-lhe qual a impressão que formulava sôbre a morte do desventurado empregado bancário.

— O crime de Sintra!

¿Quem poderá, no fim de tão extraordinárias aventuras — porque são autênticas aventuras policiais estas piruetas dos agentes em redor dêsse X enigmático que tanto está intrigando a opinião pública, — quem poderá, dizer-me, depois do que te apontei, definir um parecer ou emitir uma opinião?...

Silênciei-me ante as palavras do meu amigo e o laconismo da notícia que o *placard* anunciava, — preguntando a mim mesmo que engrenagem mecanisa êste *affacie* extraordinário que se vai desenrolando entre pistas erradas e cartas anónimas?...

— E és capaz de me dizer continuou o outro, — a quem cabem as culpas desta dúvida que rodeia o crime, desta impotência dos investigadores?

— Não sei, — respondi, encolhendo os hombros. Verdadeiramente, não me é possível apontar-te a quem podem caber essas culpas que atribues ao atrazo das investigações!...

... E fômos tomar café...

*

Êste crime, — cujo complexo está ainda por diagnosticar, — deve ser um grande ensaio para a nossa polícia investigadora. E' mais. E' uma prova dura, um exemplo, para que os agentes, muitas vezes embaraçados ante qualquer caso idêntico ao que se desenrolou agora, devam pensar em seguir outra política, contraindo um auxílio que os estimule a dedicarem-se com energia, com entusiasmo, com estudo, à sua missão, — sempre ameaçada por falta de recursos de que possam dispôr e que os impossibilita, muitas vezes, de desenvolverem uma acção decisiva e concreta.

Pode ser que, à hora do jornal chegar às mãos do leitor, já o criminoso esteja descoberto, pronto a expiar o seu crime.

Mas, — é preciso que seja o verdadeiro e responsável criminoso, não vá, ainda, cometer-se mais um êrro judiciário que envolve a honra dum inocente...

Ruy de Lucena.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

Previdência e Assistência

A Casa do Povo de Ronfe

Uma Obra social com realidades à vista

Um amigo — nosso e do «Notícias de Guimarãis» — manifestou-nos os seus propósitos de fazer chegar ao nosso conhecimento a existência de uma instituïção, que, pelo seu nome e fins que visa, pode dizer-se única no concelho, não sabemos se até no distrito: a Casa do Povo de Ronfe — de fundação recente, pois conta apenas ano e meio de vida. O nosso *sim* satisfez a vontade do nosso amigo, que, desde logo, nos contou maravilhas desta Casa, dos seus progressos, quais os seus fins e princípios a atingir, etc., etc. Marcada a hora da partida, lá fomos, em boa companhia, já noite bem cerrada, de automóvel, mas sem *pressas*... com a velocidade de 40 à hora! Chegados ao ponto desejado, bateu-se levemente à porta dum prédio de moderna construção, que não tardou a abrir-se hospitaleiramente sendo-se recebidos como velhas pessoas conhecidas, motivo porque não foram precisas apresentações. O dono da casa é afável e de trato rasgado e franco, em cujas maneiras vimos logo a pessoa indicada pelo amigo que nos levou no seu automóvel, — aquela a quem o povo de Ronfe fica devendo esta Casa, pois, metendo hombros a tão arriscada emprêsa, com sacrifício da sua vida profissional e particular e, ainda, com o da sua bôlsa, viu, aliado a outras boas-vontades, coroados de bom êxito os seus esforços com fins beneméritos, de verdadeira solidariedade social.

O nosso jornal, que desde o seu início vem defendendo as classes obreiras dum capitalismo egoísta, avaro em obras de assistência moral e social, não pode deixar de aplaudir — dentro dos verdadeiros princípios da justiça moral e humana, a uns e outros apontando os seus deveres, pois o respeito mútuo é a grandeza dos cidadãos e da Rèpública —, esta autêntica Casa do Povo, tanto mais que muito vem concorrer para o bem estar dos trabalhadores em geral.

Um dos primeiros cuidados do nosso ilustre apresentado, foi o de nos oferecer um exemplar dos estatutos da Casa do Povo de Ronfe — pequenina mas bem elaborada constituïção por que uns e outros, isto é, *governantes* e *governados*, teem de reger-se — tendo anexos os seus respectivos Regulamentos da «Caixa de Previdência» e do «Fundo de Assistência».

Pelo que nos foi dado ouvir, apraz-nos registá-lo aqui, para inteiro e completo conhecimento dos nossos leitores, pois a Casa do Povo, instituída e criada por operários, proprietários e industriais não é — como maldosamente procura insinuar no espírito timorato das pessoas quem tem graves responsabilidades na sua vida moral e espiritual a cumprir — nenhum centro de *carbonários*, antes um meio seguro de promover a *criação de dispensários, lactários, creches e asilos para crianças e velhos*, outros sendo também, e de grande importância para os seus associados, os fins estatuídos tais como a defêsa das condições de sanidade local, em especial contra a tuberculose, a criação de pequenas bibliotecas, escolas, postos de ensino para os sócios e seus filhos, visando especialmente a instrução ministrada no sentido do seu aperfeiçoamento profissional; cultura física, cinema, tudo quanto possa constituír, enfim, princípios sólidos, tornando os trabalhadores em verdadeiros valores de actividade e em cidadãos úteis à Pátria.

*

— Quem não está com a Casa do Povo...

— E' contra ela!

— Tem recebido alguns desgostos?

— Alguns... E creia, meu caro, de pessoas que, pela sua posição social, tinham o dever, mais, a obrigação de a auxiliar, tanto quanto é certo estas instituïções serem acarinhadas e defendidas pela situação actual, que, enquanto eu a sirvo e procuro *cumprir*, essas mesmas pessoas levam longe de mais a sua má fé, negando-lhe valor e importância, arrojando-se a afirmarem, mesmo em lugares impróprios, que as Casas do Povo não são obra do govêrno!

— Mas isso não é verdade, interrompemos nós. A-pesar-de rèpublicanos não filiados no Estado Novo, a nossa lealdade manda dizer que a nova orgânica do Estado prevê, auxilia e recomenda mesmo a criação do maior número possível destas Casas nos centros rurais, procurando o bem estar dos operários fabris e dos trabalhadores do campo.

— Infelizmente há quem não compreenda assim...

— Tem muitos sócios a Casa do Povo?

— Louvado Deus! Tem um número razoável, mas podia ter muitos mais, se não fôssem a má fé e a caturrice.

— Pode a sua gentileza oferecer-nos alguns dados sôbre a acção da Casa do Povo?

— Do melhor grado; e, creia, interessa-me, perdão, interessa a todos quantos, deitando para trás das costas, canseiras, desgôstos, tempo dispendido, etc., etc., tudo esqueceram para levarem até ao fim os seus belos intentos. E' um grande serviço que o seu jornal presta ao povo desta freguesia, enumerando, por agora, alguns dos principais benefícios feitos à freguesia e aos sócios da Casa do Povo de Ronfe, dando a conhecer também à Ex.ma Câmara Municipal, autoridade superior do Distrito e ao Sub-Secretário das Corporações e Previdência Social a acção altamente humana e altruísta desta instituïção por que o saüdoso dr. Miranda da Rocha tanto se empenhou na sua rápida fundação com todo o seu entusiasmo. A mesma vontade anima o espírito do sr. dr. Henrique Cabral, actual e muito digno Delegado do I. N. T. P. S., no distrito, pois já nos tem prestado o seu concurso, louvando e acarinhando a Casa do Povo. São palavras de justiça devida aos homens! Vou, pois, fornecer-lhe alguns elementos.

E o nosso bom e paciente entrevistado, cuidadoso quanto possível, pede para tomarmos nota dos seguintes: A Casa do Povo mantém, há um ano, serviço médico para os sócios efectivos, e no domicílio, quando doentes; subsídios aos mesmos sócios na doença, no desemprêgo, na morte e nos nascimentos dos filhos; distribuíu, no Natal, géneros aos pobres mais necessitados; tem distribuído alguns medicamentos pelos sócios mais pobres; conseguiu a vinda a esta freguesia de um engenheiro agrónomo que, durante alguns dias, ensinou aos sócios desta Casa como deviam podar e tratar as fruteiras; conseguiu de algumas casas industriais, para todos os sócios, o desconto de 10% em máquinas e utensílios agrícolas que queiram adquirir; conseguiu com algumas farmácias, mediante a apresentação de recibo, o desconto de 10% para os medicamentos manipulados. Pedimos também aos proprietários e industriais de Ronfe que, quando tenham de admitir pessoal novo, dêm a preferência aos sócios da Casa do Povo desempregados, como à D. G. dos Correios pedimos para melhorar o serviço de transporte de malas entre esta freguesia e a sede do concelho: Guimarãis. Conseguimos a vinda a esta freguesia de dois veterinários que, gratuitamente, vacináram, contra a peste porcina, **todos** os suínos existentes em Ronfe, debelando assim um mal que tantos prejuízos estava a causar, principalmente a economia do pobre, etc., etc...

Uma pequena interrupção para compulsar novos elementos, e o obsequioso informador, cada vez mais animado pelos triúnfos alcançados pela Casa do Povo em benefício e auxílio dos seus associados e do bem comum que o estatuto obriga e impõe, remata por dizer-nos franca, sinceramente: etcetera... etcetera...

— Estes *etceteras* querem dizer que a acção beneficente continuou, pelo ano fora, a manifestar-se animadoramente...

— Sem dúvida. Porém, não quero abusar da sua bondade, uma coisa apenas lhe querendo pedir com vontade... de ser servido: estará,o «Notícias de Guimarãis», disposto a, mais uma vez, espalhar ao mundo trabalhador e social a nossa acção?...

— Da melhor vontade. O nosso jornal tem empenho, mesmo, em dá-la a conhecer aos seus amigos e leitores, estando na disposição de ir mais longe na sua propaganda, cuidando do desenvolvimento económico e socia do concelho, das necessidades mais salientes, das suas aspirações e desejos, reconhecendo sem sofismas ou rodeios impróprios da hora presente, que os povos — da cidade e das freguesias — teem direito à vida como qualquer capitalista pançudo que só um pensamento absorve todos os seus deveres: o de amontoar as notas de Banco sem cuidar das misérias alheias — quantas vezes mesmo à sua porta!

— Obrigado! Eu já esperava essa resposta. Podemos, portanto, confiar e contar com as colunas do «Notícias de Guimarãis». Dentro de poucos dias novas coisas lhe direi... porque a nossa conversa desviou-se um tanto com os meus *desabafos* de homem... tão mal compreendido e peor agradecido. Daí... só o que lhe disse; não é muito, mas o suficiente, agora, para mostrar que os corpos dirigentes da Casa do Povo de Ronfe não dormem sôbre os louros da sua obra: fundaram uma coisa para bem mais altos e salutares princípios de solidariedade entre homens — filhos do Trabalho e de Deus! — Também é regionalismo, acrescentou, a rir...

— Sem política e sem preocupações de qualquer espécie a ruminar as almas e as inteligências.

— Perfeitamente de acôrdo. Para fechar, digo-lhe com satisfação que já andamos a construír a escola para o sexo masculino...

— Muito bem! Muito bem! Incansáveis em tudo: no moral e material!

— Obedecemos ao espírito dos nossos estatutos! E' a nossa lei, e a ela ninguém pode fugir. Garante direitos, mas também impõi obrigações.

Termina aqui a nossa palestra. Outra se seguirá na devida oportunidade. Antes, porém, desejamos manifestar pùblicamente o nosso reconhecimento a *Alguêm* que soube captivar a nossa simpatia pela maneira clara da exposição das ideias consumadas em factos e obras que honram e dignificam a já hoje laboriosa freguesia de Ronfe — a primeira do Concelho que levantou uma Obra de Previdência e Assistência entre os trabalhadores de todos os ofícios. Que o amável e obsequioso industrial aguarde a nossa visita e nos dispense, como agora, as suas interessantes como oportunas informações.

E, até breve!

Jorge de Azurém.

Crónica de Lisboa

Considerações à margem...

Um esplêndido navio acabava de amarar ao cais de Alcântara, trazendo a bôrdo algumas centenas de turistas que vinham de diversos portos do mundo.

Encontráva-me ali, com alguns amigos, quando uma voz cristalina me feriu os ouvidos. Mas... confesso, não percebi bem. Voltei o rosto e, surpreendido, encontrei uma jovem americana, fazendo-se por perceber a um dos meus amigos o que desejava. Rebuscando no meu cérebro um pouco de inglês já esquecido, preguntei o que havia...

Inqueria, com vóz desfalecida, onde se encontrava a alfândega!!?

Procurei satisfazê-la em tudo, conseguindo desembaraçá-la daquele organismo.

Preguntou, então, quem eu era...

— Um jornalista; respondi.

Puxei pelo *block-notes* para colher algumas das suas impressões que levava do meu país e, convidando-me a subir ao navio, já na *déck*, olhando a multidão que se estendia a nossos pés, segredou-me com uma voz que me perturbou:

— Do seu país levo gratas recordações!...

As minhas faces cobriram-se dum leve rubor.

— O sol deste encantador país — continuou — aquece os corações; a paisagem que se estende desde o formoso Minho até ao belo Algarve, pôi em sobressalto a nossa débil sensibilidade de turista, não familarizada ainda com estas riquezas climatéricas. — De súbito estende a mão em sinal de despedida, e o *good-bye* soou aos meus ouvidos como um dobre fúnebre. Afastou-se numa suavidade rítmica, e, já distante, desfechou-me esta frase: — *The men of Portugal are more stupid of the Europe.*

Indignei-me e quis dizer-lhe que o país onde nasceu eram só *gangsters*. Mas lembrei-me do seu olhar azul a embriagar-me, e dos seus cabelos de oiro caíndo sôbre a nuca a martirizarem o meu sensualismo.

Ela percebeu-o.

Reconheci então a veracidade da sua frase:

— Os homens portugueses são os mais estúpidos da Europa.

No sábado, 14, a população de Santo Amaro foi alarmada pelo estampido de uma bomba. Conseguimos apurar o seguinte: alguns desempregados que residem neste bairro, costumavam ir para os terrenos da Emprêsa Industrial, — antiga fábrica de fundição que fica situada entre as ruas da Indústria e dos Lusíadas — desenterrar o ferro que aquela fábrica abandonou. Os dias corriam sem haver nada de anormal. No sábado, alguns garotos que freqüentavam aqueles sítios, descobriram algumas bombas abandonadas, certamente por antigos revolucionários. Um dêles, brincando inadvertidamente com uma, ocasionou a explosão que foi ferir 15 pessoas que ali se encontravam. Algumas receberam tratamento no Hospital de S. José, recolhendo depois a casa.

Corre o boato, em Lisboa, de que os importantes periódicos «Diário de Notícias» e «Diário de Lisboa» foram proïbidos de se venderem em Espanha.

— Causou geral agrado a notícia de que o aviso de 2.ª classe «Infante D. Henrique», em construção no Arsenal da Marinha, passar-se-á a chamar Pero de Alenquer.

Sabe-se que êste navio será provavelmente lançado à água no próximo mês de Maio.

— O ilustre jornalista e escritor Armando Boaventura, foi convidado a retirar-se de Espanha por causa de alguns artigos que publicou, e que não eram do agrado do govêrno daquele país.

— Têm vindo a Portugal alguns artistas cinematográficos, como: Henry Garat, George Milton e outros de menor categoria, que têm posto os corações das meninas cinéfilas em constantes palpitações.

Os teatros enchem-se, esperando ansiosamente aqueles rei da tela. Mas, ó céus, apanham cada decepção que estão um mês e mais sem irem ao cinema.

— Tocou agora a vez aos rapazes:

— Estreou-se, no Coliseu, a Carmencita Aubert, figura do cinema espanhol.

Trocando impressões dos que a foram a admirar, retorquiam, desalentados:

— Cinema... Tudo fantasia!...

(Serviço especial para o «Notícias de Guimarãis».

João da C. Reynaldo.

BAR de S. Torcato

Prima pela qualidade dos Vinhos Verdes da Região — Tintos e Brancos — encarregando-se também da execução esmerada dos bons e apetitosos petiscos, tudo a preços razoáveis.

O seu proprietário agradece a visita ao Bar de S. Torcato de todos os seus amigos.

(65)

Armando Ribeiro Pinheiro.

DA CIDADE

Bombeiros Voluntários — Passando, na última quinta-feira, o aniversário da fundação da nossa benemérita e Humanitária Associação dos Bombeiros Voluntários, teve lugar, no vasto templo da V. O. T. de S. Francisco, a Missa estatutária por alma dos Comandantes, Bombeiros e sócios falecidos, com a assistência de todo o seu Corpo Activo, acompanhado da sua respectiva Banda de Música.

Durante o Santo Sacrifício, a Banda executou alguns trechos, e, à Elevação, o terno de clarins tocou a marcha da Continência.

A sede dos Bombeiros Voluntários, que se encontrava engalanada com galhardetes e bandeiras, foi, durante o dia, muito visitada.

Oficinas de S. José — Como noticiamos oportunamente, as Oficinas de S. José, realizaram a sua festa anual em honra do seu glorioso Patrono, no dia 19 do corrente, a qual constou, de manhã, de Missa solene cantada e de Comunhão geral dos internados pelos seus falecidos Benfeitores; e, de tarde, as ex.mas Madrinhas dos mesmos internados, promoveram um lindo e animado bazar de prendas, abrilhantado pela sua Banda de Música, que, de manhã e ao meio dia, arruou pelas ruas da cidade. Tanto a solenidade religiosa como as diversões da tarde fôram muito concorridas por centenares de pessoas, que por esta simpática instituïção de caridade teem verdadeiro amor.

Durante o dia estiveram estas Oficinas patentes à visita dos vimaranenses, notando-se em tudo o máximo aceio e bôa ordem.

Acto de benemerência — O nosso prezado amigo e importante industrial, sr. António Pimenta no dia do seu aniversário natalício, que passou em 19 do corrente, ofereceu aos componentes da Banda das Oficinas de S. José, um novo fardamento, acto êste digno do nosso maior louvor.

Simão da Costa Guimarãis — Faz hoje trez anos que a morte levou o prestante cidadão Simão da Costa Guimarãis, ilustre 1.º Comandante e grande benemérito da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis.

Sufragando, a sua alma, a Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis manda celebrar ás 11 horas, no templo de S. Francisco, uma missa a que assistirão todo o corpo activo com a respectiva banda de música, sócios honorários e beneméritos, etc.

De luto — Pelo falecimento de sua extremosa mãi, ocorrido há dias em Vila Verde, encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. Francisco de Assis Pereira Dantas, activo empregado comercial, a quem apresentamos o nosso cartão de condolências.

Sufrágios — Foi muito concorrida a missa celebrada na igreja de S. Francisco, por alma da mãi do nosso amigo sr. Inácio Ferreira da Costa, comemorando o 7.º dia do seu falecimento.

Pedido de casamento — Para o nosso prezado conterrâneo e amigo, sr. Alfredo Faria Martins, filho do sr. Joaquim Martins Guimarãis e de sua ex.ma espôsa, foi pedida há dias em casamento a sr.ª D. Cacilda Pereira dos Santos, filha do conceituado negociante local sr. António Virgem dos Santos e de sua ex.ma espôsa, devendo o enlace realizar-se brevemente.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Julgamento — Terminou na passada segunda-feira, em 2.ª audiência, o julgamento dos acusados do crime de morte na pessoa de José Gomes dos Santos, tanoeiro, da freguesia de Urgezes, caso a que nos referimos no último número.

A audiência abriu ás 14 horas tendo sido ouvidas mais doze testemunhas e proferidos os debates. Falou em primeiro lúgar o sr. dr. Francisco Soares, digno delegado do Procurador da República que fez uma violenta acusação aos réus, mantendo a sua querela e pedindo a condenação. Seguidamente, o sr. dr. Sá Tinoco, patrono dos réus, fez a defêsa dos seus constituíntes demonstrando à face do relatório medico e da prova testemunhal que era improcedente a intenção de matar. Fez um apêlo ao Tribunal e terminou fazendo a apologia da justiça.

Lidos os quesitos os juízes retiniram, ás 17,30 horas e, pouco depois das 21 horas, foi lido o acordão condenando o réu Eduardo de Freitas em 2 anos de prisão correccional, levado em conta o tempo de prisão já sofrido, e em 1.000$00 de imposto de justiça e absolvendo o réu Abílio de Vasconcelos.

O Tribunal não deu como provado o homicídio voluntário e deu como precedente a atenuante especial do artigo 370 do Código Penal alegada pela defêsa.

Quem me avisa... — Para conhecimento e vantagem dos interessados, se lembram as disposições da Lei N.º 1.891, de 23 de Março de 1935, que obriga o arranque, enxertia ou substituïção de videiras (produtores directos americânos) até 15 de Maio de 1937, pela forma seguinte:

O 1.º terço, até 15 de Maio de 1935
O 2.º terço, até 15 de Maio de 1935
As restantes, até 15 de Maio de 1935

O não cumprimento da lei, quando verificado pelos agentes da brigada ou por qualquer autoridade, implica o pagamento da multa de 1$00 por cada videira e a inutilização da mesma.

Casamento — Em Paços de Ferreira realizou-se há dias o casamento do nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Luís Correia de Sousa Araújo com a gentil sr.ª D. Angela Pereira da Rocha, daquela localidade.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Procissão de Passos — Realiza se no próximo domingo a magestosa Procissão de Passos, sem dúvida alguma um dos mais imponentes Cortejos religiosos do País, a que a mêsa da Irmandade a que dignamente preside o nosso bom amigo sr. José Pinheiro, procura imprimir todo o explendor.

Como de costume a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte organiza um serviço especial de comboios.

No sábado à noite estarão em exposição as Imagens do Senhor dos Passos e Senhora da Soledade, fazendo ouvir-se, no côro, uma excelente orquestra.

S. José — Nos templos de S. Dâmaso e das Capuchinhas e na capela de N. S. da Guia realizaram-se na quinta-feira as anunciadas festividades em honra de S. José.

Festa das Dôres — Dentro em poucos dias vão os nossos amigos e conceituados armadores srs. Eugénio & Novais e João Augusto Passos dar início aos trabalhos de decoração do magestoso templo de S. Francisco, para a solenidade das Dôres, que ali se realiaza no dia 3 de Abril.

Sociedade Martins Sarmento — Em assembleia geral de sócios desta prestante colectividade vimaranense realizada no passado dia 16, foi reeleita a mesma Direcção para a gerência de 1936-1937.

Dela fazem parte os srs.:

Efectivos: Alberto Alves Vieira Braga, Alberto da Costa Guimarãis, António Lopes de Carvalho, dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Francisco de Assis Pereira Mendes, capitão Mário de Vasconcelos Cardoso e dr. Ricardo de Freitas Ribeiro.

Substitutos: Dr. António Maria do Amaral e Freitas, dr. Bento da Costa Caldas, Casimiro Martins Fernandes, dr. Eduardo de Almeida, Francisco da Silva Pereira Martins, José Luís de Pina e Manuel Pereira Mendes.

Falecimento — Quási repentinamente, finou-se ante-ontem na sua residência ao lugar das Capuchinhas o industrial sr. António Leite Guimarãis, muito estimado entre nós. O seu funeral realizou-se ontem, com numerosa assistência, na capela de S. Domingos. A' família enlutada os nossos pêsames.

Aluga-se uma casa em frente à fábrica da Cruz de Pedra, com um grande quintal, tendo um tanque com água de bica.

Para falar, na Rua 5 de Outubro, com Rita de Moura Machado. (66)

Club dos Caçadores e Atiradores Civis de Guimarãis

São convidados os sócios deste Club a reunir em Assembleia Geral no dia 29 de Março, pela 21 horas, pará dar cumprimento ao disposto no art.º 27 do Estatuto.

Se não comparecer número legal de sócios ficará a sessão adiada para o dia 30 de Março, pelas mesmas horas, funcionando então com qualquer número de sócios.

Guimarãis, 20 de Março de 1936.

O Secretário,

(67) *José Machado Teixeira.*

NOTICIAS PESSOAIS

António José Pereira de Lima

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. António José Pereira de Lima, digno Administrador do Concelho. Desejamos as melhoras de S. Ex.ª.

Aniversários natalícios

Fizeram ontem anos os nossos prezados amigos srs.: Tenente Carlos Coelho, distinto colaborador do "Notícias de Guimarãis,,, Heitor da Silva Campos, digno director da Agência do Banco de Portugal e Tenente José Campos de Carvalho. A todos apresentamos as nossas felicitações.

Antero H. Silva

Com sua espôsa esteve em Lisboa o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Antero Henriques da Silva.

António Costa Guimarãis

Encontra-se em Lisboa, com demora de uns dias, o nosso bom amigo e importante industrial sr. António Costa Guimarãis.

José Maria Pinto d'Almeida

Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso bom amigo e solícito correspondente em Lordelo sr. José Maria Pinto d'Almeida.

Coronel Alcino Machado

Regressou à sua casa de Paçô-Vieira o nosso bom amigo e ilustre oficial, sr. Coronel Alcino Machado.

ESPINGARDA

Merkel de canos sobrepostos, quási nova, vende Umberto Guimarãis Pinheiro — Guimarãis. (54)

CASA — Alugam-se um segundo e terceiro andares com frentes para a Porta da Vila.

Informa Café Oriental. (57)

Corrente de Oiro

Perdeu se, uma, desde a feira do gado até à Rua de Francisco Agra.

Informa esta Redacção, e pede-se o favor da sua entrega, pois pertence a gente humilde.

Curiosidades Mundanas

O perigo dos meteoros

Não há muito tempo, nos arredores de Toquio, rebentou um aerolito de pequenas dimensões. Um dos seus estilhaços, em espécie de pedra, atingiu uma criança na nuca e matou-a repentinamente.

Mas os acidentes desta natureza são extremamente raros. Um professor americano, o dr. Scherrer, examinou numerosos arquivos para vêr se conseguia recensear tôdas as mortes devidas à queda de meteoros.

As suas pesquizas, que duraram vários anos, fizeram-lhe conhecer que, àlém do desastre mortal de Toquio, uma única pessoa encontrára a morte num caso idêntico.

Trata-se dum habitante da India que foi morto pela explosão de um aerolito em 1827. Ao contrário do de Toquio, formado principalmente de pedras, êsse aerolito compunha-se essencialmente de materiais metálicos.

A duração da vida

Segundo diz um cientista de Oslo, a duração da vida é maior na Noruega do que no resto do mundo. Atribui se êste facto à circunstância da temperatura ser ali fria e uniforme todo o ano.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

DO CONCELHO

Lordelo, 15.

E' preciso deixarmos de viver na espectativa de que as obras de que mais carece a nossa Terra se hão-de fazer por acaso ou geração expontânea.

E' preciso conformar e reünir o esfôrço máximo de 2.000 habitantes, juntá-lo para a efectivação das coisas de Lordelo, que mais necessitam de ser resolvidas.

Não falta em que se trabalhe e em que merecer o galardão de bom filho da nossa Terra, sem dissenções, sem partidarismos de qualquer espécie, sem ressentimentos pessoais, que são sempre os maiores aniquiladores duma obra colectiva.

Assim como não é bom filho de Lordelo aquêle que coloque o seu interêsse acima do interêsse geral, também o não é qualquer outro que pretenda tirar de qualquer obra que seja de todos o interêsse do seu amor próprio, do seu destaque ou do seu prestígio...

Quem quere ser prestigiado, não pode acanalhar-se com a mesquinhez de interêsses inconfessáveis ou com o mau serviço que amizades pouco sinceras prestam à causa da nossa Terra.

O óptimo é que obras que a todos interessam sejam tratadas por todos com a maior isenção e espírito de sacrifício.

Bem merece da nossa Terra todo aquêle cuja intenção seja alevantá-la ao mais alto dos seus destinos progressivos.

Julgamos necessário criar em Lordelo a mística do seu Progresso, integrar uma tão grande Freguesia na consciência do seu valor, para que desta consciência social venha o conhecimento do que pode ser.

Não estamos aqui a atirar palavras ao vento, vasias de sentido ou nulas de significado.

E' grave a situação da nossa Terra sob qualquer aspecto social que se encare o abandôno de poderes públicos — e é esta a ocasião de chamarmos a atenção da Ex.ma Câmara para que veja de perto a vida social de Lordelo, a fim de que um dia não seja surpreendida com um movimento colectivo da sua população — acentuado mais e mais, a necessidade de nos dar uma satisfação dos nossos sacrifícios para com o Município de Guimarãis, o descontentamento pela quási nula acção administrativa municipal nesta Freguesia, tudo contribue para levar os espíritos e as vontades para um caminho, que de modo algum pode convir a qualquer Comissão Administrativa da C. M. de Guimarãis.

Junte-se a estas razões o agravamento de impostos camarários, o descontentamento de certos sectores do comércio, pela maneira como está sendo feita a recolha de impostos, etc., e fàcilmente nos convenceremos de que há muito em que dispender a nossa actividade em favor da causa de Lordelo, se queremos bem servir a nossa Terra, dentro das suas tradições de Freguesia do Concelho de Guimarãis, mas que quere ser amada como filha, por Mãi atenta, e não madrasta...

E' a hora de quem nos representa por cargo público de alta responsabilidade poder demonstrar que Lordelo quere antes de mais nada continuar a honrar-se de pertencer ao concelho de Guimarãis, mas também quere para si as regalias e benefícios a que tem direito...

Não está ainda lançada a sorte da nossa Terra, mas um grande movimento de vontades parece querer lançá-la à sorte da mais alta Justiça e do Direito que tem de ser mais acarinhada.

C.

Briteiros, 18.

Ontem de tarde, pairou sôbre esta região uma tremenda trovoada, que se fez acompanhar, de fortes bátegas de água, que depressa fizeram crescer os rios e ribeiros.

Como se vê, a chuvinha e trovoadas parecem apostadas em não nos querer deixar êste ano.

— E' cá esperado àmanhã de visita a seu filho e «Casa da Quinta da Igreja», o Ex.mo Snr. Dr. João Antunes Guimarãis, ex-Ministro do Comércio e Indústria, e actual Deputado da Nação.

Que Sua Ex.a seja muito bem vindo.

— A tal mulhersinha, Maria Rosa de Oliveira, do logar do Outeiro, desta freguesia, que tem um filho na cadeia, por roubos, e a quem pretendia ministrar sangue de rato com vinho, já o visitou.

Ministrar-lho-ia? A's Autoridades compete averiguar.

C.

S. Torcato, 20.

Já principiou a construção do parque de S. Torcato, aonde andam empregados bastantes homens e mulheres, no desatêrro do futuro lago.

E' mais um importante melhoramento que faz nesta estância o grande benfeitor, sr. Alberto Pimenta Machado, juíz da Confraria deste Santuário.

Felicitámo-lo por tam boa iniciativa.

— No sábado passado veio a esta freguesia em serviço oficial, o nosso amigo sr. Cunha, fiscal de finanças, acompanhado do sr. Jerónimo Faria, Administrador judicial.

— Em Gonça, na sua importante quinta de Passo, procedendo a importantes obras de beneficiamento encontra-se o sr. José Torcato Ribeiro, industrial da rua de Couros.

— Na 2.a feira passada, procedente de Marco de Canavezes, veio de visita a esta freguesia, aonde é proprietário de Rua Franca, o nosso amigo sr. Caetano Mesquita de Vasconcelos.

Os nossos cumprimentos.

— Desde 2.a feira passada, encontra-se na sua linda vivenda desta estância, o sr. António José de Oliveira, distinto professor em Braga e sua ex.ma esposa, sr.a D. Maria Olinda Gomes da Costa Fernandes.

Folgamos muito com a sua visita.

— No pretérito domingo, deu-nos a honra da sua visita a S. Torcato, o sr. Eduardo Ferreira Paúl, proprietário desta freguesia.

— No domingo passado estêve nesta estância de visita a sua ex.ma familia, o distinto professor oficial, da freguesia de Cepãis, Fafe, sr. Jose de Oliveira Mota.

— No próximo dia 23 do corrente, completa o seu 70.o aniversário, o ilustre professor desta freguesia, sr. Sebastião António da Silva.

Felicitamo-lo e fazemos votos para que com boa saúde tenha um futuro longo; é o que do coração desejamos ao nosso bom amigo.

— Nesta freguesia encontram-se de luto, o rev.o abade, Henrique José Gonçalves Pereira e irmãs Sr.as D. Rosa Gonçalves Pereira e D. Cândida Gonçalves Pereira; pelo falecimento de sua irmã, Sr.a D. Maria Gonçalves Pereira, ocorrido em Rio Máu-Braga, na 6.a feira da semana passada. A extinta era mãi do nosso am.o snr. Francisco de Assis Pereira Dantas.

A tôda a família enlutada apresentamos os nossos sentidos pêsames.

— Na visinha freguesia de Gonça, roubaram no domingo passado, uma égua ao comerciante sr. Manoel Joaquim Gomes, ignorando-se até à data quem sejam os autores da proeza.

Averigua-se.

— No lugar do Montinho desta freguesia, encontra-se gravemente doente o sr. Jerónimo Ribeiro, proprietário.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

— Nesta e noutras freguesias limítrofes, tem chovido torrencialmente, o que dificulta muito, o acabamento das podas e a sementeira da batata.

Oxalá que a divina Providência ouça os nossos clamores, dando-nos um tempo que facilite o desenvolvimento da agricultura.

C.

FALÊNCIA

1.a publicação

Por sentença de 14 do corrente mês, foi declarado, em estado de falência, o comerciante António José de Araújo, casado, residente no largo de Martins Sarmento e com estabelecimento no largo do Primeiro de Maio, desta cidade, o qual, para isso, se apresentou voluntàriamente ao tribunal, e isto em virtude de haver cessado pagamentos há menos de dez dias e ser o seu activo inferior ao passivo. Para a reclamação de créditos foi fixado o prazo de quinze dias, que começará a contar-se da primeira publicação dos anúncios num dos periódicos da comarca, sendo nomeado administrador da falência António Rodrigues da Rocha, solteiro, da rua do Dr. José Sampaio, desta cidade.

Guimarãis, 16 de Março de 1936

O chefe da 2.a secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão. (64)

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

ESCUTISMO

Como já noticiamos, realiza-se no próximo domingo a inauguração do Grupo N.º 116 do C. N. E., organizado na freguesia de N. S. da Oliveira, desta cidade, tendo sido elaborado o seguinte programa:

26 de Março

A's 9 horas da noite: —Velada de Armas, na igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo (servindo de paroquial), cerimónia religiosa como preparação para a Promessa solene.

29 de Março

A's 8,30 horas: — Será hasteada a Bandeira Nacional pela primeira vez na séde do Grupo.

A's 9 horas: — Na mesma igreja, Missa rezada pelo rev.o Cónego Dr. José Martins Gonçalves, dignissimo Secretário Geral do C. N. E. e delegado de Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, digníssimo Assistente Nacional do C. N. E. Em seguida será feita a Promessa solene dos aspirantes do novo Grupo e a consagração à sua Padroeira.

A's 15 horas: — Realizar-se-á o desfile de todo o Núcleo de Guimarãis pelas ruas da Cicade.

Aos Agricultores

Adubos simples e compostos, batata de semente, não comprem sem consultar o Agente da Sociedade Adubos Norte, L.da.

Para a cultura da Batata — Niphokalium «B» Concentrado.

Para entrega imediata

João de Freitas Torres Brandão.

(55)

R. de S. Dâmaao, 65 GUIMARÃIS

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Serviço de Fiscalização

Mês de Fevereiro

Informa esta Comissão, que a Brigada de Fiscalização exerceu os seus trabalhos nos concelhos de Barcelos, Braga, Castelo de Paiva, Felgueiras, Louzada, Paços de Ferreira, Paredes, Póvoa de Lanhoso, Rezende, Santo Tirso, Valença, Viana do Castelo e Vila do Conde, onde visitou 420 estabelecimentos de venda de vinho verde e 498 adegas de produtores, afim de se averiguar da existência de vinho.

Além dêstes trabalhos, a Brigada fez serviço em várias estradas onde passam caminhetas com vinhos estranhos à região.

No Pôrto, colheram-se 198 amostras de vinhos verdes, sendo 148 referentes aos vinhos entrados na cidade e Entreposto de Gaia, que deram entrada no nosso Laboratório, para a competente análise e 50 destinadas à exportação.

Em Lisbôa, também se exerceu a fiscalização, tendo sido visitados 252 estabelecimentos, onde se vende vinho verde.

Por transgressões verificadas, fôram levantados 139 autos e apreenderam-se 13.145 litros de vinho estranho à região.

Pôrto, 4 de Março de 1936.

O Chefe dos Serviços de Fiscalização,

a) *Francisco Manuel da F. Cardoso*

VENDEM-SE as quintas de Feijão e Souto de Ribas, sitas na freguesia de Corvite, do Concelho de Guimarãis.

Tem boa casa de senhorio, terrenos de cultura e de mato. (49)

Trata o solicitador Augusto Silva.

A situação aflitiva duma pobre Senhora

Leitores! vinde em seu auxílio

No nosso n.º 164, de 24 de Março, contamos assim, ràpidamente, a triste história duma desventurada Senhora:

Veio à nossa redacção uma pobre senhora — Maria Guiomar Damásio, de 42 anos de idade — que nos fêz um pedido para aqui o transmitirmos aos nossos generosos leitores.

Vinha amparada de sua mãi — uma vèlhinha que tem no rôsto a expressão nítida da dôr — e falou-nos da sua aflitiva situação, o que nos impressionou imenso.

Necessita a desventurada senhora de adquirir uma perna de borracha, que substitua a sua perna direita que perdeu há 24 anos.

O custo da perna é de 1.200$00.

Não é muito, mas para ela é uma importância elevadíssima.

Nós abrimos a subscrição com a quantia de 20$00 e os nossos leitores e amigos vão ajudar-nos — temos disso a certeza — na missão a que nos propusemos.

Transporte . .	466$00
Anónimo	5$00
S. G. (Felgueiras) . . .	4$50
A transportar . .	475$50

Ouxalá outras pessoas acorram ao nosso apêlo, feito em nome da caridade.

VENDE-SE a propriedade da Madre-de-Deus, próxima à Capela, sita na freguesía de Azurém, alodial e que se compõe de diversas casas, eido, alpendre, hortas, campos lavradios e avidados com fruteiras, e uma coutada de mato com carvalhos.

Recebe propostas o solicitador João Couto. (50)

Agente TABÚ é a (63)

CASA DAS GRAVATAS — Guimarãis

DESPORTO

VITÓRIA - reservas	VITÓRIA SPORT CLUB
6	3
Sport. de Famalicão	Foot-Ball C. de Gaia
0	0

Uma tarde em cheio

A numerosa assistência que presenceou os desafios da tarde do último domingo, abandonou Benlhevai satisfeita e convencida do foot ball desenvolvido.

As reservas do Vitória S. Club, jogaram com o Sporting de Famalicão, e durante a primeira parte, o jôgo foi digno de ser apreciado, pela tecnica e valor que os rapazes das reservas souberam exibir. Apreciamos combinações de jogo, bem feitas, desmarcações oportunas, e inteligentes, e uma certa consciência, própria da responsabilidade de cada lugar. Não assistimos por isso, a correrias fatigantes e inapropositadas, a abandonos de colocações — sempre prejudiciais —, e a bola corria todos os seus sectores, sem se perder, nem encontrar vago, o lugar respectivo de cada jogador. Todas as bolas, as seis deste jôgo, foram o produto dessa consciência, e o resultado de combinações bem delineadas e cuidadosamente executadas. A segunda parte, foi mais apagada, embora não desmerecesse da anterior.

Todos os reservistas jogaram dentro da mesma toada, e quando um team joga bem é porque os componentes cumpriram também a satisfazer... Seria impossível uma coisa sem a outra. Mesmo assim é de notar o trabalho de Elísio.

Reservas e grupo de honra, estão bem servidos de guarda-redes.

O Sporting é a terceira vez que nos visita, e desta o apetrechamento individual era melhor, opondo resistência apreciável, que valorisou o triunfo do Vitória e animou a partida.

A arbitragem de Oliveira, muito má.

O segundo encontro:

O grupo de honra, sem adversário oficial aproveitou bem o dia vago, vencendo o F. C. de Gaia, por 3 a 0. Os avançados do grupo local, em tarde de pontaria fraca, sòmente conseguiram trez bolas que retratam mal as chamadas ocasiões de «goal-feito», de que o desafio foi vasto. Em contra-partida, o jôgo foi bom e nem sempre, um grande resultado, indica partida bem conduzida e perfeita. O Vitória jogou bem e a sua linha dianteira, soube ser aguerrida e lutar com união e entendimento. Abusou por vezes da passagem sucessiva, na grande área do adversario, ocasionando demoras que êste sabia aproveitar, guarnecendo a defesa com maior número de homens. Brilhou a meio campo em jogadas superiores, e disso soube tirar partido, para se impôr e alcançar o resultado final. Principiou indeciso e confuso, mas depressa se refez e a sua tecnica ganhou personalidade e actuação clara. O adversário soube sempre responder com valentia e denodo, acercando-se das balisas confiantes a Ricoca, e, se algumas ocasiões teve, que poderia ter realizado o seu desejo, a acção dêste guarda-redes e dos baks, tornaram improfícuos os seus esforços.

As bolas conseguidas pelos locais foram marcadas por Clemente e Bravo. A primeira, foi resultante duma cabeça feliz do avançado-centro ao receber um passe de Laureta. A bola engana o guarda redes visitante na sua trajectória e entra pelo ângulo superior esquerdo. A segunda de autoria de Bravo que aproveita bem um cruzamento de João Jesus, interna-se, dribla dois adversários e chuta forte e bem. Jogada linda que o público aplaude entusiasmado. A terceira, de Clemente, que rematou de cabeça numa execução de canto.

Zeferino, teve durante o jogo três potentes recargas, que mereciam serem dignas de melhor sorte. A uma delas o guarda-redes de Gaia falha ao tentar dete-la, e mete em último recurso a cabeça, salvando assim as suas redes. O público aplaudiu com vibração o seu esfôrço.

Do Vitória, todos foram os causadores do triunfo. No lugar de A. Augusto apareceu Faria que se houve bem. Estranhou o sítio, a sua colocação foi deficiente, mas cumpriu. Se tivesse mais uns quilos de pêso...

O team visitante agradou-nos. Correctos e batalhadores, lutaram com "élan„ e vontade.

Na 2.a Liga há coisa muito mais inferior!

A arbitragem a cargo de João Passos, boa e a contentar. Soube ser energico e soube ser moderado no julgamento de certas faltas. Enérgico nos off-sides, e moderado nas infracções dentro da grande área.

Um penalty rigoroso é sempre mal recebido e indispõi. E' um castigo máximo e como tal deve ser cuidadosamente ditado: — A certa altura dum ataque do Vitória um defesa contrário meteu o ante-braço à bola e fez até um gesto de querer abraça-la. O esférico tocou no ante-braço e foi fora. Assinalou córner! Era um desafio amigável.

Almeida Ferreira.

O "Boavista„ em Guimarãis

Chega ao nosso conhecimento que um grupo de amigos do «Vitória Sport Club», no bom desejo de homenagear o club vimaranense, tomou sôbre si a iniciativa de deslocar a esta cidade o *team* de honra do «Boavista» do Pôrto, com todos os valiosos elementos de primeira categoria, para a efectivação de um encontro a realizar-se no Domingo de Páscoa.

Dado o valor do *team* visitante e o interêsse que tal desafio vem despertando no meio desportista de Guimarãis, de esperar é que o Campo de Benlhevai registe uma enchente colossal, sabido que o grupo de amigos do «Vitória» se vai expor a pesados encargos e, como tal, é crèdor de uma manifesta simpatia.

Distinção, Beleza e bom tom,

adquirem-se com os já célebres produtos NALLY.

A sua vasta colecção encontra-se na

CASA DAS GRAVATAS.

(48)

Curso de Contabilidade

Guarda-livros devidamente habilitado, lecciona pràticamente, caligrafia, correspondência, escrituração e cálculo comercial, garantindo o aproveitamento.

Aceitam-se alunos.

Informa-se na redacção. (51)

VENDE-SE

Máquina Singer, em bom estado.

Diz-se na Casa das Gravatas. (62)

Passa-se por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital.

R. de St.o António, 83, 85 e 85 A. (61)

VENDEM-SE

Duas quintas na freguesia de S. Martinho de Sande. Pagam 18 carros de medidas. São alodiais, terrenos juntos, bons bravios e água, e também podem ser vendidas separadamente.

Tratar com o advogado Dr. Fernando Aires. (41)

Lêde e assinai o «Notícias de Guimarãis»